

13-12-2024

O BICO DA CANETA**Eguimar Felício Chaveiro**

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

A experiência de pôr as situações de vida, o que pensa, deseja e sonha no bico da caneta, começa, segundo o romancista, professor e teórico da literatura, Ítalo Calvino, com a organização da cadeira. No mesmo compasso, convém, em boa proporção, ver a altura da cadeira com a da mesa. É viável – e necessário – distribuir os braços com ação dos cotovelos de maneira a facilitar o movimento dos dedos. A luz do ambiente deve ser clara, clarividente, considerando a sua boa copulação com o ar que passeia na face do escrevente para promover diálogos sublimes com o pulmão. O sol jamais pode ficar de fora. Ele ensina que escrever é, antes, durante e sempre, um ato espacial, efetivamente histórico e cultural, em que o firmamento, com as suas asas siderais, é coautor. O lastro fiel, próximo e íntimo entre o olho e o bico da caneta tem desdobradas mediações. Possui também misteriosos condicionamentos e concretas determinações.

O cérebro, o verdadeiro escrevente, não existe sem a perturbação que lhe institui como um órgão biopsicossocial. Nisso está envolvida a classe social, a raça, o gênero, a vasta experiência de trabalho; as paixões; as ambições e o lugar de poder do escrevinhador. Algo é relativamente certo: o ato de escrever é uma forma de ressurreição da vivência, da memória, das potências do sujeito. Escrever é viajar em si. Por conseguinte, o bico da caneta possui seta dialética: exige do sujeito um mergulho no fundo, de si para uma perigosa e imediata exposição externa.

É adentramento insuperável e externalização obrigatória.

Quando o escritor Cristovão Tezza penteou essa frase com simplicidade, ele sabia do pendor dialético da escrita: “escrever deixa marcas”. Escrever marca, poderíamos dizer, porque a vida não é só o que vive, é também o que deseja e não realiza; o que sonha e se corre atrás; o que passou e não se deu conta e o que está distante na lei da física e íntimo na negociação simbólica.

Muito cedo, quando começava a ser professor universitário, ajudado pela minha amiga Myrtes Dias da Cunha e os meus amigos Braz José Coelho, Ged Guimarães e José Henrique R. Stacciarini e, mais tarde, com o meu amigo Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos, entendi: os alunos e as alunas podem escrever com erros gramaticais, mas escrever é sempre uma atitude correta.

Talvez quem, na adolescência, faz diários e os esconde; quem edifica quadrinhas com estrofes e rimas e as jogam no latão de lixo; quem envia cartas para avós e, inclusive, quem desenha frases nas bordas de cadernos escolares, obtém pouco resultado literário imediato, mas abre uma porta, imensa porta, para a imaginação ser significativa na vida. O bico da caneta depende da luz da imaginação; a imaginação é o raiar que transita entre o real e o possível. Escrever promove a saúde; a imaginação promove a escrita. Escrever é uma forma, talvez a maior, de problematizar a experiência humana e de organizar a problematização. Os fatos da vida, o que procede no vasto acontecer de uma pessoa, quando vai para o bico da caneta, ganha timbre universal. Daí que se pode dizer: escrever é irmanar. É tornar-se irmão de todos os humanos; é dirimir o que amorifica e o que desagrega. A caneta, por isso, é uma ferramenta de profunda responsabilidade ética e política.

Ela existe, no mesmo instante, para organizar o pensamento e para desassossegar qualquer comodismo do sujeito. Para situar o sujeito no mundo e para não lhe permitir a indiferença; para compor um mínimo de equilíbrio emocional e para transgredir todos os muros e cativéis. Quando Clarice Lispector diz que escreve porque recusa a submissão, poderia, noutra ponta, estar dizendo: escrever é um encorajamento à liberdade.

É batalha para se ter coragem. É força para gerar força...

Quando o bico da caneta golpeia o papel como um grafiteiro timbra o muro, o que se quer também é coragem para perguntar: Deus fez o mundo, mas quem fez Deus?

Por que a maçã cai para baixo? Quem canta na madrugada pode-se dizer inventor da aurora?

A mercadoria é mesmo a forma elementar de riqueza nas sociedades capitalistas? O sorriso pode ser classificado como arte clássica ou contemporânea?

Uma pergunta incansável, corriqueira, impregnada do humano: o que fazer?

Tenho comigo que escrever é uma forma de enfrentar a morte, e o contrário da morte é a paixão.

Daí que o bico da caneta é como o bico da chuteira: escreve-se para acertar o ponto de vista.

É como também o bico da faca: escreve-se para chegar às correntes sanguíneas.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.